

Pipoca Pedagógica

Quem ensina quem?

Este fato aconteceu comigo, numa turma de Educação de Jovens e Adultos, há “alguns” anos.

Naquela noite a sala de aula estava cheia. Jovens e Adultos, compartilhando um mesmo espaço, buscavam recuperar o tempo perdido lá do ensino regular.

E a aula começa!

Cálculos, definições, conceitos. Tudo seguia um *script* meticulosamente planejado por mim no último fim de semana. Aula expositiva, com explicações e cálculos, dúvidas esclarecidas, tempo para resolução de exercícios.

Chegou a hora do desafio: resolver em 20 minutos uma situação-problema que lhes apresentei, utilizando os conceitos que haviam acabado de estudar.

Enquanto isso, eu andava pela sala, observando os alunos debruçados nas anotações, tentando resolver aquele “enigma”.

Um dos alunos me chamou a atenção: estava estático. Parecia que olhava para o infinito.

– E então? Desistiu do problema? – perguntei num tom provocativo.

– O resultado é 12, professor – respondeu num tom incisivo.

A resposta me intrigou, pois observei que seu caderno permanecia fechado e sem sinais de que havia alguma anotação.

– Como chegou a este resultado? – indaguei.

– Peguei a quantidade que o senhor me deu, tirei 2 laranjas e separei o restante em 4 caixas. Depois juntei 5 em cada uma delas. Aí deu 12. Está certo, né?

E não é que ele estava certo?! E eu esperando a resolução do problema por meio de uma equação, com a apresentação do algoritmo, sequência lógica, esquema e resposta, tal qual acabara de ensinar. Mas de onde surgiram as laranjas? E as caixas? Não pude deixar de perguntar a ele:

– Como é que conseguiu resolver o desafio tão rápido e corretamente? E que laranjas são essas? Caixas? Que caixas?

– Professor, sou do sítio e trabalho na roça. Nunca fui à escola, mas preciso da matemática pra não perder dinheiro e não ser passado pra trás. Presto atenção no que as pessoas falam e faço minhas contas na cabeça. Quando se mexe com dinheiro não dá pra errar, né?

Ouvindo aquele rapaz, um filme passou na minha cabeça: anos de estudo, mais o fim de semana preparando aulas e deixei de considerar aspectos importantes na Educação: escuta, contextualização, problematização, conhecimentos prévios, experiência de vida e, principalmente, humildade.

O episódio não me deixou triste. Pelo contrário, me deixou muito feliz em ter aprendido com aquele rapaz de vocabulário simples e objetivo.

Muitas vezes temos que desviar nossos olhares para as “entrelinhas” e as “letras miúdas”, nem sempre visíveis, ou até desprezíveis aos nossos olhos. Afinal, onde está escrito que o professor só tem que ensinar e os alunos só têm que aprender?

José Antonio Consentino